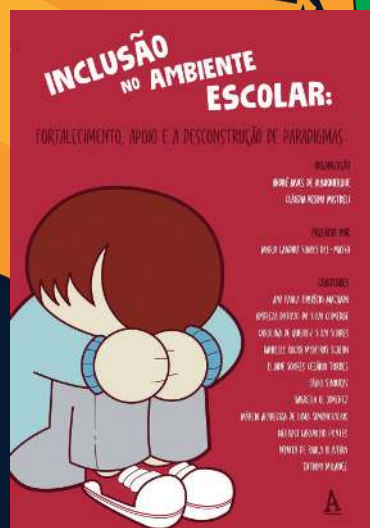


# Revista **a** EVOLUÇÃO

# ANSA L ENSA L MENSAL BIMESTRAL

# WEI 2 V I WEI 1 2 3

LANÇAMENTOS



# Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano V - nº 53 - Junho de 2024

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

**Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Editor correspondente (Angola):**

Manuel Francisco Neto

**Coordenaram esta edição:**

Vilma Maria da Silva

Manuel Francisco Neto

**Colunistas:**

Adeilson Batista Lins

Isac Chateaufneuf

**Organização:**

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

## AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Antônio Ambriz Camuano  
Constantino João Manuel  
Daniela da Silva Souza Santos  
Elisangela Santos Reimberg Eduardo  
Fernanda Jaqueline Irineu Holanda  
Fernando Massi Argentino  
Francisca Francineuma de Lima  
Graziela de Carvalho Monteiro  
Janaina Pereira de Souza  
Jéssica Midori Ninomiya Ribeiro  
Jucira Moura Vieira da Silva

Maria Aparecida da Silva  
Maria do Socorro Viana de Oliveira da Hora  
Maria Gilma do Nascimento Azevedo  
Monika Shinkarenko  
Patrícia Hermínio da Silva  
Patrícia Mendes Cavalcante de Souza  
Sileusa Soares da Silva  
Simone de Cássia Casemiro Bremecker  
Tania Aparecida Feitosa Medeiros  
Viviane de Cássia Araujo

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 5, n. 53 (jun. 2024). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2024. 174 p. : il. color

**Bibliografia**

Publicação contínua a partir de 2020. Mensal até a edição 52.

Bimestral (a partir desta edição).

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.53

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS: <https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.53>

**A**

São Paulo | 2024



## Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

## Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

## Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Andreia Fernandes de Souza

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Isac Chateaneuf

José Wilton dos Santos

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

## Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins

Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt

Profa. Esp. Ana Paula de Lima

Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza

Profa. Dra. Denise Mak

Prof. Dr. Isac Chateaneuf

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

## Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

## Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins

Prof. Dr. Isac Chateaneuf

## Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado

Vilma Maria da Silva

Lee Anthony Medrado

## Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703

Whatsapp: 55(11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)

netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)

https://primeiraevolucao.com.br

## Imagens, fotos, vetores etc:

https://publicdomainvectors.org/

https://pixabay.com

https://www.pngwing.com

https://br.freepik.com

Publicada no Brasil por:

Edições  
**Livro Alternativo**

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.  
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

## PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

## PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



**www.primeiraevolucao.com.br**

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

**05 EDITORIAL**

Antônio R. P. Medrado

**06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes**

Isac Chateaufneuf

**08 Ciência, Tecnologia & Sociedade**

Adeilson Batista Lins

**BIMESTRALIDADE**

1. O USO DOS MÉTODOS ATIVOS COMO ESTRATÉGIA INOVADORA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM ANTÔNIO AMBRIZ CAMUANO	13
2. O ENGAJAMENTO DAS IGREJAS NA LUTA CONTRA A CORRUPÇÃO EM ANGOLA CONSTANTINO JOÃO MANUEL	19
3. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA DANIELA DA SILVA SOUZA SANTOS	25
4. A REPRESENTATIVIDADE DA GRAVURA E DA ESCRITA ELISANGELA SANTOS REIMBERG EDUARDO	31
5. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO FERNANDA JAQUELINA IRINEU HOLANDA	39
6. A AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOS PROFESSORES - UM INSTRUMENTO PARA A MELHORIA NA ACTUAÇÃO DOCENTE FERNANDO MASSI ARGENTINO	45
7. A IMPORTÂNCIA DO TEATRO NO CAMPO EDUCACIONAL FRANCISCA FRANCINEUMA DE LIMA	59
8. ARTETERAPIA, LUDICIDADE E INCLUSÃO GRAZIELA DE CARVALHO MONTEIRO	69
9. A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA INFÂNCIA JANAINA PEREIRA DE SOUZA	77
10. PRÁTICAS DE LEITURA E LITERATURA QUE CONTRIBUEM PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM JÉSSICA MIDORI NINOMIYA RIBEIRO	83
11. A REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL: E SUA DISCUSSÃO EM ÂMBITO EDUCACIONAL JUCIRA MOURA VIEIRA DA SILVA	89
12. A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO NO ACOMPANHAMENTO ESCOLAR MARIA APARECIDA DA SILVA	99
13. A LITERATURA INFANTIL DESPERTANDO O PRAZER DE LER E O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA MARIA DO SOCORRO VIANA DE OLIVEIRA DA HORA	105
14. O RESPEITO À DIVERSIDADE E AOS DIREITOS HUMANOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA MÁRIA GILMA DO NASCIMENTO AZEVEDO	115
15. REFLEXÕES DECOLONIAIS A RESPEITO DO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL MONIKA SHINKARENKO	123
16. A FILOSOFIA E AS MULHERES QUE FIZERAM PARTE DO AMOR PELO CONHECIMENTO PATRÍCIA HERMINIO DA SILVA	129
17. A IMPORTÂNCIA DOS DIREITOS HUMANOS NA EDUCAÇÃO PATRÍCIA MENDES CAVALCANTE DE SOUZA	137
18. DIVERSIDADE CULTURAL E EDUCAÇÃO ÉTNICO RACIAL SILEUSA SOARES DA SILVA	143
19. METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL SIMONE DE CÁSSIA CASEMIRO BREMECKER	149
20. A ALFABETIZAÇÃO E O TRABALHO DOCENTE TANIA APARECIDA FEITOSA MEDEIROS	157
21. A AFETIVIDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM VIVIANE DE CÁSSIA ARAUJO	165



# A FILOSOFIA E AS MULHERES QUE FIZERAM PARTE DO AMOR PELO CONHECIMENTO

PATRICIA HERMINIO DA SILVA<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo deste estudo é contribuir para dismantelar a ideia do sujeito universal masculino, examinando a Filosofia de forma qualitativa a partir da perspectiva de gênero. Com essa finalidade, nosso primeiro passo é revisitar a participação das filósofas, considerando as contribuições do movimento feminista para a construção do pensamento filosófico. Em seguida, buscamos investigar se os materiais didáticos de Filosofia disponibilizados pelo Ministério da Educação para as escolas públicas brasileiras reproduzem a desigualdade de gênero. Em outras palavras, analisaremos se o conteúdo da disciplina de Filosofia reflete a falta de visibilidade enfrentada pelas filósofas ao longo da história. Dessa forma, buscamos compreender a relação entre a invisibilidade das mulheres no campo filosófico e o conteúdo apresentado nos materiais didáticos do Ensino Médio. Para realizar este trabalho de conclusão de curso, utilizamos uma metodologia baseada em pesquisa bibliográfica, com a contribuição de autores que abordam o tema das mulheres que deixaram sua marca na Filosofia.

**Palavras-chave:** Obstáculos; Contribuições; Igualdade de gênero.

## INTRODUÇÃO

A reflexão filosófica, mesmo sendo intrinsecamente questionadora, pode reproduzir os preconceitos presentes na sociedade. Por essa razão, ao examinar a filosofia sob uma perspectiva social de gênero, é possível contribuir, ainda que de forma breve, para uma revisão crítica da história do pensamento filosófico.

Esse estudo tem como ponto de partida o surgimento do movimento feminista e a luta das mulheres pelo sufrágio universal, buscando desconstruir o conceito de um sujeito universal masculino que tem sido a base para a compreensão do ser humano em grande parte dos discursos filosóficos. Esse conceito tem sido um dos principais fatores responsáveis por

marginalizar as mulheres como sujeitos e pensadoras.

Para atender a essas propostas, foram consultadas diversas obras filosóficas e artigos relevantes. Por exemplo, em sua obra intitulada "O Segundo Sexo: Fatos e Mitos", a filósofa Simone de Beauvoir investiga a origem da submissão das mulheres, questionando por que elas são percebidas como "Outras", enquanto os homens são considerados "Sujeitos". Além disso, Beauvoir desconstrói a naturalização da submissão feminina ao longo da história.

Outra obra filosófica que contribuiu significativamente para o desenvolvimento deste estudo foi "Teoria Feminista e as Filosofias

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia e Pós-Graduação em Pedagogia Hospitalar, pelo Centro Universitário São Camilo. Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional, pela Universidade Mozarteum. Licenciatura em Artes e Pós-Graduação em Psicologia da Educação, pela Faculdade Demócrito Rocha. Pós-Graduação em Educação e Sociedade, pela Faculdade São Luís. Graduação em Filosofia e Pós-Graduação em Neuropsicopedagogia, pela Faculdade Faveni. Professora de Educação Infantil, PEI na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

do Homem", de Andrea Nye, que resgata as filósofas feministas e suas lutas para incluir a perspectiva feminista em um pensamento filosófico dominado pela presença masculina.

No passado, mulheres corajosas reivindicaram reconhecimento e enfrentaram a opressão masculina, despertando pesquisadores e pesquisadoras para a necessidade de distinguir entre o aspecto biológico e o aspecto cultural da identidade de gênero dentro da sociedade (SCOTT, 2016). Nesse sentido, o conceito de gênero tornou-se um objeto de estudo, pois, independentemente do tempo ou lugar, as relações entre homens e mulheres são permeadas pela opressão masculina sobre as mulheres.

Apesar das lutas empreendidas pelo movimento feminista na busca pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, a desigualdade de gênero está longe de ser erradicada. Afinal, os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres ainda são considerados como inerentes à natureza humana, ao invés de serem compreendidos como construções culturais.

Entretanto, discursos que naturalizam a submissão feminina e a dominação masculina continuam a se perpetuar como instrumentos para manter as relações desiguais entre os gêneros. A reprodução dessa naturalização da desigualdade de gênero torna-se eficaz ao enraizar preconceitos como se fossem verdades incontestáveis (BEAUVOIR, 2016).

Escapar desse sistema binário imposto tem sido uma tarefa desafiadora, pois as mulheres tiveram que se reconhecer como sujeitos políticos antes de poderem lutar por seus direitos civis. Em uma realidade dominada por homens,

A reflexão filosófica, sendo inerentemente questionadora, pode reproduzir os preconceitos presentes na sociedade. Por essa razão, ao examinar a filosofia sob uma perspectiva social de gênero, é possível contribuir, mesmo que brevemente, para uma

revisão crítica da história do pensamento filosófico.

## FILOSOFIA E FEMINISMO

A disciplina filosófica pode ser compreendida como um saber analítico e inovador, encarregado não somente de decifrar o mundo, mas também de indicar modificações capazes de revolucionar a realidade ou, ao menos, a forma como a realidade é percebida em suas diversas circunstâncias. Nas reflexões de Hannah Arendt (1975, p. 10) a respeito da apreensão:

Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos utilizar de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja.

Dessa forma, de acordo com a análise da filósofa, a compreensão não reside simplesmente na aceitação passiva da realidade, mas sim na constante ação de questionar, em uma busca incessante pela verdade. Portanto, a resistência está em enfrentar a realidade com o propósito de desvendá-la, sem se abater diante das adversidades que possam surgir. Nesse mesmo sentido, Marilena Chauí (2014, p. 9) destaca que a filosofia poderia ser definida como:

A decisão de não aceitar como evidentes e inquestionáveis as coisas, ideias, fatos, situações, valores e comportamentos de nossa existência diária; jamais aceitá-los sem antes investigá-los e compreendê-los.

Essa postura possibilita realizar uma abrangente análise do conhecimento, compreendendo-o em suas diversas manifestações, inclusive na construção do próprio pensamento filosófico. Apesar de sua natureza problematizadora, o conhecimento filosófico não é desvinculado do contexto em

que é produzido e pode refletir opressões presentes na estrutura social. Graças aos esforços dedicados à compreensão da humanidade, foi possível desvelar a complexidade do ser humano e de suas interações, tornando-se necessário criar categorias de análise para aprofundar o estudo dos fatores que influenciam o desenvolvimento das pessoas na sociedade.

Inicialmente, a categoria de análise era apresentada por meio de um sujeito universal, que se tornou a base fundamental para a construção do conhecimento. Pelo menos até Simone de Beauvoir, que ressaltou a arbitrariedade dessa generalização que excluía, por exemplo, as mulheres, uma vez que "O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela (a mulher) é o Outro" (BEAUVOIR, 2016, p. 13). Ao questionar esse sujeito universal masculino, Beauvoir traz à tona uma parcela significativa da população que havia sido relegada ao esquecimento: as mulheres. A partir dessa reflexão, a filósofa empreende uma investigação sobre as razões dessa diferenciação, ou seja, sobre as causas que contribuíram para a configuração desse cenário. Conforme a autora destaca em relação à relevância de se mergulhar nessa perspectiva:

(...) o presente envolve o passado, e no passado toda a história foi feita pelos homens. Eles bem o sabem, elas mal duvidam. (...) Efetivamente, ao lado da pretensão de todo indivíduo de se afirmar como sujeito, que é uma pretensão ética, há também a tentação de fugir de sua liberdade e de se constituir em coisa. É um caminho nefasto porque passivo, alienado, perdido, e então esse indivíduo é presa de vontades estranhas, cortado de sua transcendência, frustrado de todo valor. Mas é um caminho fácil: evitam-se com ele a angústia e a tensão da existência autenticamente assumida. (BEAUVOIR, 2016, p. 17 e 18).

Pode-se então perceber que a falta de visibilidade das mulheres apontada pela filósofa tem um impacto significativo na própria essência do ser. Ao serem tratadas como o "Outro" e aceitarem essa condição submissa, as mulheres se enredam em uma armadilha: a submissão leva à negação de sua própria liberdade, impedindo-

as de se afirmarem como sujeitos independentes e tornando-as dependentes das vontades alheias.

## **AS MULHERES E O PENSAMENTO SOBRE A FILOSOFIA**

Para entender o pensamento filosófico, é essencial examinar o contexto social no qual ele se originou. No entanto, analisar a história do pensamento filosófico é uma tarefa extremamente complexa. Portanto, neste estudo, optei por focar na análise de gênero, embora seja evidente que muitos outros recortes, como etnia, classe social, religião, entre outros, sejam igualmente importantes.

Analisar a filosofia sob a perspectiva de gênero não apenas traz visibilidade para as mulheres e as retira do esquecimento, mas também revela os mecanismos que sustentam a dominação de um gênero sobre o outro. Conforme apontado pela filósofa Marcia Tiburi (2016, p. 1), "é necessário analisar a função de poder que utiliza o esquecimento como dispositivo".

Se o esquecimento é um poder, tornar alguém esquecido é uma forma de dominação. A história das mulheres foi apagada como consequência disso.

Portanto, é essencial reconstruir a história e resgatar na memória do pensamento filosófico aquilo que foi negado a ele: o reconhecimento do papel das mulheres em sua construção. Ao propor uma análise da Filosofia a partir das contribuições do feminismo, esta pesquisa terá como ponto de partida o movimento sufragista que ocorreu durante o período do Iluminismo, pois é reconhecido como a primeira onda do movimento feminista (GROSSI et al., 2015). Joan Scott destaca:

os (as) historiadores(as) feministas utilizaram toda uma série de abordagens nas análises do gênero, mas estas podem ser resumidas em três posições teóricas. A primeira, um esforço inteiramente feminista que tenta explicar as origens do patriarcado. A segunda se situa no seio de uma tradição marxista e procura um compromisso com as críticas feministas.

A terceira, fundamentalmente dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas das relações de objeto, inspira-se nas várias escolas de psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito. (SCOTT, 2016, p. 8 e 9).

Apesar de a análise de Scott estar centrada na história, na filosofia foram percorridos caminhos semelhantes ao abordar questões de gênero, desigualdades e violências, como constatado nas fontes bibliográficas consultadas. Conforme observado por Tiburi (2016), ao longo de sua história, a filosofia foi predominantemente escrita por homens e direcionada a eles. O pensamento filosófico, de fato, reproduz e justifica a naturalização da desigualdade de gênero em diferentes épocas, lugares e correntes de pensamento.

Por outro lado, muitas mulheres reivindicaram sua inclusão nas teorias filosóficas e lutaram para que estas não se limitassem apenas às necessidades masculinas, mas também abarcassem as demandas feministas. Dessa forma, iniciou-se uma busca por uma teoria que pudesse contemplar os interesses das mulheres em suas ideias.

Ao abraçar o desafio de investigar a história da filosofia, torna-se evidente que, sem analisá-la pela ótica de gênero, estaríamos diante de uma narrativa incompleta, que negligencia as relações de poder que moldaram o atual panorama. Ao resgatar as memórias das filósofas que foram relegadas ao esquecimento, abrem-se novas perspectivas para compreender o passado e criar possibilidades para o presente e o futuro.

Durante a época da Revolução Francesa, diversas teorias estavam sendo desenvolvidas para lidar com a nova ordem social emergente dos ideais democráticos de igualdade entre os seres humanos. No entanto, é importante destacar que, inicialmente, essas teorias não contemplaram os interesses das mulheres, concentrando-se na discussão dos direitos individuais dos homens.

Apesar disso, não faltaram pensadoras que reivindicaram o reconhecimento das

mulheres como sujeitos de direitos. Um exemplo é Olympia de Gouges, filósofa francesa, que redigiu um documento chamado "Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã", no qual defendia que as mulheres deveriam ter os mesmos direitos que os homens, incluindo direito à propriedade e liberdade de expressão, além de assumirem as mesmas responsabilidades mútuas (NYE, 1995, p. 23). Outras filósofas também contribuíram para as teorias contratualistas. Segundo Márcia Tiburi, filósofa, ao abordar as teorias de universalização dos direitos:

(...) um dos primeiros feminismos consistentes foi o de Mary Wollstonecraft que no final do século XVIII defendia, contra Burke e Kant, que o feminismo era uma luta pelos direitos da humanidade. E não simplesmente uma inversão da estrutura do poder que deveria passar de direito dos homens às mulheres. O que chamamos de humanidade é um ideal, o da universalidade de direitos sempre defendido pelos pensadores humanistas e iluministas. Facilmente, contudo, cala na contradição de excluírem deste direito da humanidade algo como a metade da humanidade composta pelas mulheres. (TIBURI, 2007, s.p.).

A Revolução Francesa evidenciou a necessidade de uma nova estrutura social baseada em princípios democráticos e liberais. No entanto, apesar da participação das mulheres no movimento, elas foram excluídas das tomadas de decisão política, permanecendo presas aos mesmos papéis sociais que desempenhavam durante o antigo regime monárquico. Como afirmado por Nye (1995, p. 22), "as mulheres podiam marchar para Versalhes, pois suas vozes agudas expressavam melhor a fome, consertavam casacos, preparavam jantares, (...), mas não eram consideradas para assumir papéis políticos de responsabilidade".

## ANÁLISE DO PENSAMENTO FILOSÓFICO

Explorar o pensamento filosófico sob a ótica do gênero é um estudo que carrega consigo uma proposta: a ideia de que tudo pode ser transformado em relação ao que atualmente é. O conhecimento possui o poder de libertação, mas



não qualquer conhecimento, ele deve abraçar a plenitude da experiência humana, ou seja, ser insondável. É fácil perceber que sem a perspectiva de gênero, a filosofia se afasta de algo fundamental para si: a busca pela verdade. Ao observarmos a realidade, nos deparamos com uma diversidade humana aparentemente inexprimível. No entanto, ao analisarmos o pensamento filosófico, constatamos que ele é conduzido por um sujeito universal que é o oposto da diversidade: um modelo singular, masculino, arrogando-se como completo e finalizado.

Para tornar as mulheres visíveis na filosofia, é essencial reconhecê-las como criadoras de conhecimento, pois desafiar a noção de um sujeito universal masculino é uma questão de equidade. Como observado por Tiburi (2007, s.p.) em relação às mulheres na história:

(...) há que se analisar a função de poder que toma o esquecimento como dispositivo. Saber esquecer é um poder, tornar esquecido é dominação. A história das mulheres dela deriva. (...) A história como memória é uma luta contra a morte do passado. E o esquecimento longe de ser algo desejável é o seu algoz.

Logo, é evidente que ao analisar a história do pensamento filosófico, é possível perceber que esse campo foi predominantemente dominado por homens. O apagamento ao qual as mulheres foram submetidas está intrinsecamente ligado à dominação masculina, ao poder exercido por um gênero sobre o outro, diminuindo-o ao ocultá-lo.

Percebe-se que onde há sexismo, também há resistência, uma vez que "a teoria não tem sua origem na natureza ou na lógica, mas sim na luta para atribuir sentido à atividade humana. As filosofias dos homens são teorias das atividades dos homens, atividades que, desde o início, excluem as mulheres" (NYE, 1995, p. 267). As filósofas, sejam elas feministas ou não, utilizaram a própria racionalidade como arma para transformar esse contexto adverso.

se o patriarcado teve um início histórico, pode também ter um fim histórico. Isso não quer dizer que a ação

feminista baseada nas filosofias do liberalismo, marxismo, existencialismo, psicanálise e teoria linguística foi ou é inútil: não se pode facilmente vagar sem sofrimento e sem esforço fora da teia do nosso mundo e começar a tecer um novo; essa fuga só pode ser fracasso. Em cada época, o centro, o nervo do poder só é obtido por uma meticulosa separação de peça por peça até que o mecanismo da opressão seja finalmente entendido. (NYE, 1995, p. 271).

Independentemente dos resultados alcançados, o aspecto essencial é que cada discurso filosófico produzido por uma mulher contribuiu para combater a opressão que elas enfrentavam, demonstrando uma resistência contra a dominação masculina. Trazer as mulheres de volta à lembrança é afirmá-las como sujeitos, resistindo ao papel secundário ao qual foram subjugadas. Esse resgate, como afirma a filósofa Tiburi (2007), é "a única saída para o feminismo filosófico".

Nesse contexto, a presença feminina na filosofia e o questionamento que elas levantaram sobre o sexismo e suas consequências na sociedade evidenciam a essência fundamental do filosofar: não aceitar teorias como verdades absolutas sem antes investigá-las por conta própria, não se contentar com o que está estabelecido e ter esperança de que o conhecimento seja transformador e libertador, abrindo caminho para novas formas de relacionamento onde homens e mulheres possam agir e pensar livremente.

No entanto, para alcançar isso, é imprescindível resgatar e valorizar a participação das mulheres, inclusive na construção do pensamento filosófico, concedendo-lhes a visibilidade que lhes foi negada por tanto tempo e expandindo as possibilidades de estabelecer um pensamento mais inclusivo e transformador, capaz de abranger diversas perspectivas, incluindo a de gênero.

Portanto, o percurso desta pesquisa seguirá duas etapas distintas, mas complementares. A primeira tem como objetivo reconhecer e valorizar a contribuição das

mulheres no pensamento filosófico, ao mesmo tempo em que denuncia as consequências da desigualdade de gênero, focalizando a negação do sujeito feminino. A segunda consiste em uma reflexão sobre as relações de gênero no ensino de Filosofia, por meio da análise dos livros didáticos utilizados nessa disciplina.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, fica evidente que o conceito de gênero deve ser incorporado à reflexão filosófica, uma vez que esta se caracteriza pela busca constante em compreender a realidade. Para isso, é fundamental questionar certos dogmas que prejudicam a livre ação e expressão das ideias, bem como a partilha do mundo. Um exemplo disso é a desigualdade de gênero, que também se manifesta no pensamento filosófico.

Um conceito presente em diferentes contextos, períodos e correntes filosóficas é o do sujeito universal. Esse conceito foi alvo de críticas por parte de muitas filósofas, especialmente Simone de Beauvoir, que em sua obra "O Segundo Sexo" denunciou sua essência estritamente masculina.

Dessa forma, o sujeito universal masculino contribuiu para a exclusão das mulheres do pensamento filosófico, uma vez que fortaleceu discursos que naturalizam os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres. A racionalidade é uma dessas características que acabaram por definir o que é ser homem ou mulher em uma sociedade patriarcal, atribuindo à razão uma natureza masculina, enquanto a emotividade e a irracionalidade foram associadas ao feminino.

Combater essas determinações construídas em torno dos gêneros e buscar relações igualitárias entre homens e mulheres foram tarefas assumidas pelas feministas, inclusive no campo da Filosofia. No entanto, apesar dos esforços das filósofas em reivindicar seu espaço no pensamento filosófico, elas continuam marginalizadas e com pouco reconhecimento nessas discussões.

No contexto da educação escolar, essa realidade não é diferente. Isso fica claro ao observar a disparidade entre filósofos e filósofas na análise de gênero nos livros didáticos de Filosofia utilizados no Ensino Médio no Brasil. Os livros didáticos são os materiais mais acessíveis e amplamente utilizados pelos professores para auxiliar na aprendizagem dos estudantes. A invisibilidade das filósofas nessas obras demonstra a reprodução da desigualdade de gênero no ensino de Filosofia.

Diante disso, sugere-se como tema para futuros estudos uma pesquisa qualitativa sobre as filósofas feministas nos livros didáticos, analisando a qualidade das referências e quais contribuições teóricas das filósofas são abordadas nessas obras.

Dessa forma, a desconstrução do sujeito universal masculino é essencial para desnaturalizar os papéis atribuídos a homens e mulheres. No entanto, para alcançar esse objetivo, é necessário adotar estratégias capazes de romper com esses preconceitos. Uma sugestão apresentada nesta pesquisa é que a análise do pensamento filosófico leve em consideração a dimensão social do gênero, com ênfase no reconhecimento da participação das mulheres nas reflexões filosóficas, resgatando-as do esquecimento e do papel secundário imposto pela desigualdade de gênero.

Ao libertar a Filosofia de seus dogmas, ela se aproxima de sua natureza questionadora, o que repercute positivamente não apenas na vida das mulheres, mas também na própria Filosofia. Ao considerar não apenas o gênero como uma categoria de análise, mas também a diversidade humana em suas reflexões, a Filosofia fortalecerá cada vez mais sua natureza combativa e questionadora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMANAQUE D'ELAS/AH! ENTÃO SOU FEMINISTA. **Você é feminista ou sabe o que é feminismo?** Esclarecendo feminismo para leigos. [S.l.: s.n.], 2014.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 12° ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- ARANHA Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. 5° ed. São

---

Paulo: editora Moderna, 2013.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3° ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia**. 2° ed. São Paulo: editora Ática, 2013.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de Filosofia**. 2° ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

GROSSI, Pillar Miriam; GARCIA, Olga Regina Z.; LOZANO, Marie-Anne; MAGRINI, Pedro Rosas (org.). **Livro1 – Módulo I**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero/ Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFSC, 2015.

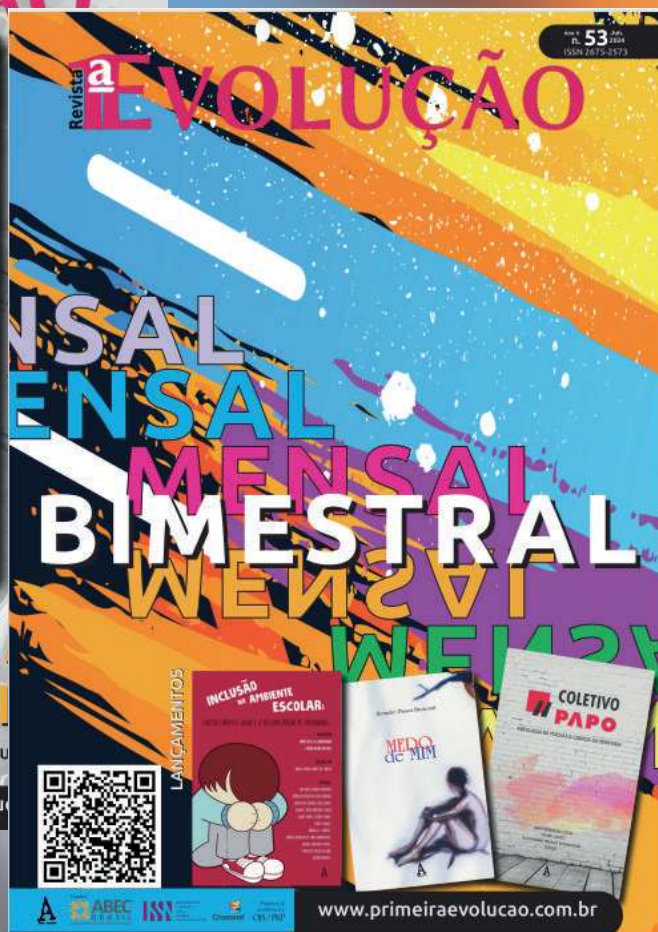
NYE, Andrea. **Teoria Feminista e as Filosofias do Homem**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1995.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Disponível em: <http://www.observe.com/upload/935db796164ce35091c80e10df659a66.pdf>. Acesso em: 02 jun.2024.

TIBURI, Márcia. Mulheres e Filosofia. **Revista Cult**, Maio, 2007. Disponível em: <http://www.marciatiburi.com.br/textos/mulhereseafilosofia.htm> Acesso em: 01 jun.2024.

TIBURI, Márcia. **Políticas, Mulheres e Filosofia**. Disponível em: [http://www.marciatiburi.com.br/textos/quadro\\_politicamulhereseafilosofia.html](http://www.marciatiburi.com.br/textos/quadro_politicamulhereseafilosofia.html) Acesso em: 01 jun. 2024.





<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.53>

#### ORGANIZAÇÃO:

Andreia Fernandes de Souza  
Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva

#### AUTORES(AS):

António Ambriz Camuano  
Constantino João Manuel  
Daniela da Silva Souza Santos  
Elisangela Santos Reimberg Eduardo  
Fernanda Jaquelina Irineu Holanda  
Fernando Massi Argentino  
Francisca Francineuma de Lima  
Graziela de Carvalho Monteiro  
Janaina Pereira de Souza  
Jéssica Midori Ninomiya Ribeiro  
Jucira Moura Vieira da Silva  
Maria Aparecida da Silva  
Maria do Socorro Viana de Oliveira da Hora  
Maria Gilma do Nascimento Azevedo  
Monika Shinkarenko  
Patrícia Hermínio da Silva  
Patrícia Mendes Cavalcante de Souza  
Sileusa Soares da Silva  
Simone de Cássia Casemiro Bremecker  
Tania Aparecida Feitosa Medeiros  
Viviane de Cássia Araujo



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Platform &  
workflow by  
OJS / PKP

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

